RESENHA BIBLIOGRÁFICA

J. M. GOUVÊA VIEIRA

R. A. AMARAL VIEIRA, *Reequipamento da Indústria Tradicional,* Rio de Janeiro, BIT Editora, 1972, 114 p.

Trata-se de volume bem apresentado, com abundantes notas de rodapé e ótimo índice analítico, fenômeno raro em livros de autor nacional.

A obra versa sobre um dos mais importantes problemas dos países em desenvolvimento: o da transferência e fixação de tecnologia. Estuda pormenorizadamente o caso da indústria gráfica nacional, mas o interesse que certamente despertará decorre, sobretudo, do fato de a análise ultrapassar o campo específico da indústria gráfica. Muito do que lemos no livro aplica-se a todo o setor industrial brasileiro.

É desde logo visível a preocupação do autor pelo nível de cultura geral dos empresários brasileiros. Dirigir uma empresa não consiste em importar equipamentos modernos. Antes de mais nada, o empresário deve saber administrar. Deve saber escolher, entre as alternativas possíveis, a que melhor condiz com os intereesses da economia nacional. À página 12, lemos:

"Apesar do reduzido emprego de mão-de-obra, a introdução da composição fotomecânica e da automação acarretou paradoxalmente o agravamento dos atuais custos industriais, encarecendo o produto final, livro ou revista. Essa inversão de expectativa — a existência de custo operacional alto — é denunciadora, portanto, de problemas *gerenciais* e *administrativos* ou, *pelo menos, da inadequação entre a realidade brasileira e o modelo escolhido pelos gráficos.*" (grifo meu)

Na página 46, volta o autor a ressaltar o mesmo ponto: "Talvez à falta de bons técnicos, ... tanto os gráficos como os editores utilizam-se da fotocomposição como um substitutivo da composição quente. A partir desse erro fundamental, programam essas máquinas da mesma forma que antes programavam as linotipos, repetindo os produtores de televisão que ainda hoje se limitam a filmar o rádio da década de 40.

Gostaria que todos os empresários brasileiros meditassem profundamente *sobre essa frase.*

Não é a modernização, por si mesma, nem o emprego de equipamento sofisticado que melhoram a eficiência da empresa. As economias de escala resultam exclusivamente de o equipamento mais caro permitir a utilização de métodos mais eficientes. Administrar, por exemplo, um supermercado como se administra uma quitanda, não lhe aumenta a eficiência. Se dá maiores lucros, apesar do aumento do custo unitário, o fato é derivado da eliminação da concorrência pela rede de supermercados, que institui o oligopólio. Não é isso que se deseja. Não é isso que desenvolverá o país.

A história econômica revela que não há desenvolvimento sem revolução tecnológica. Cumpre, porém, entender em que consite essa revolução. Não consiste na utilização de máquinas e equipamentos modernos sofisticados. Consiste, antes de mais nada, na adoção de métodos de produção mais eficientes.

Nem sempre tais métodos implicam uma maior automação. O agricultor que conhece genética e sabe produzir melhores sementes, terá muito maior produtividade que aquele que se utiliza do trator mas não obtém boas sementes. O empresário que não dispõe de computador mas conhece programações lineares é muito mais eficiente que aquele que o possui para mantê-lo ocioso a maior parte do tempo.

O livro do professor Amaral Vieira é uma advertência. Os pontos analisados foram cuidadosamente escolhidos. Não se restringem à indústria gráfica.

Duesenberry, o grande economista americano, referiu-se em *Income, savings and the theory of consuming behaviour* a um fenômeno denominado "efeito-demonstração", que consiste em o indivíduo ou empresa imitar um determinado comportamento, para demonstrar que pertence a um grupo que admira. Quase sempre a imitação é irracional. Veja-se, por exemplo, o que diz Ragner Nurkse, em *Patterns of trade and development.*

O livro do professor Amaral Vieira deixa claro que o industrial brasileiro, levado pelo "efeito-demonstração" está convencido de que pertence ao grupo de empresários progressistas, quando nada conseguiu senão perder eficiência.

Causa espécie saber que a indústria gráfica brasileira consegue lucros, apesar dos altos custos com que se defronta.

É que o lucro não diagnostica eficiência, a menos que a concorrência seja perfeita.

O livro impressiona; todavia, cabe uma sugestão. Gostaria que o autor apresentasse aos leitores, em outra obra, uma análise da concorrência no setor da indústria gráfica brasileira. A lucidez com que analisou os problemas da transferência da tecnologia está a indicar que tem todas as qualidades para levar a contento o trabalho.